



EX-LIBRIS

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

L. N. FAGUNDES VARELLA

DIARIO DE LAZARO

POEMETO

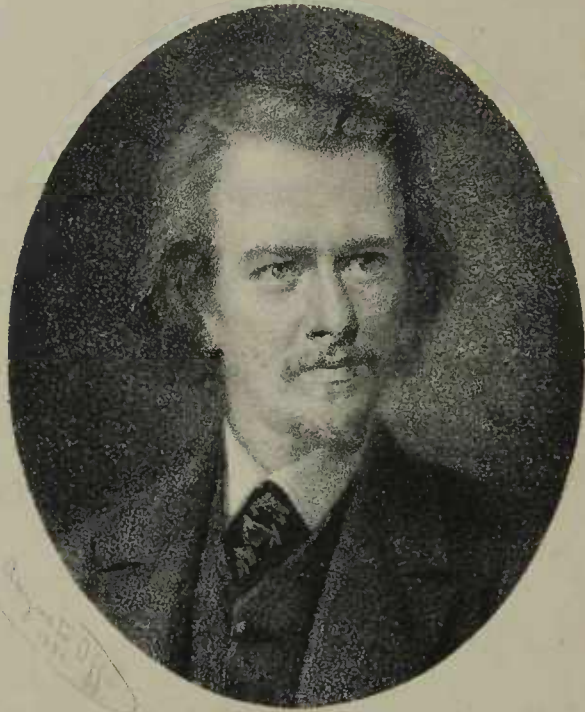
COM ESTUDO CRITICO POR FRANKLIN TAVORA

EDIÇÃO DA REVISTA BRAZILEIRA

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA NACIONAL
1880

DIARIO DE LAZARO





Luis F. Varela

L. N. FAGUNDES VARELLA

DIARIO DE LAZARO

POEMETO

COM ESTUDO CRITICO POR FRANKLIN TAVORA

EDIÇÃO DA REVISTA BRAZILEIRA

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA NACIONAL
1880

ESTUDO CRITICO

Ha perto de oito annos, tratando de Gonçalves Dias em um livro de critica (1), escrevi algumas palavras onde se patenteam, posto que rapidamente, não só um juizo, mas tambem uma previsão e um receio sobre o autor deste poemeto :

« E' elle (G. Dias) indisputavelmente o nosso primeiro poeta, e difficilmente terá um successor que se lhe aproxime, si a ingrata sorte arrebatár cedo á patria o estro magico de Fagundes Varella, que, no meu fraco entender, é o vate mais genuino, opulento e mavioso da moderna pleiade nacional. »

Muitas e galantes musas enchiam de gratas harmonias por esse tempo, ao norte e ao sul, o céu da patria. Algumas tive:am posteriormente os labios sellados pela mão da morte : o paiz ainda pranteia Castro Alves, Almeida Braga, Torres

(1) CARTAS A CINCINNATO, *Estudos criticos sobre o Gaucho e a Iracema* de J. de Aloncar, pag. 166.

Bandeira, Mendonça, e ultimamente Carvalhal, quasi desconhecido desta Côrte. A outras impoz silencio a politica, a descrença ou o fastio á vida litteraria, tão pobre de attractivos entre nós : ha quanto tempo não se escutam as suavissimas vozes poeticas de F Octaviano, Teixeira de Mello, Amaral, Bittencourt Sampaio, Dias Carneiro, Cesario de Azevedo e alguns outros ?

Não ficaram ahi os dias nefastos para as lettras brazileiras. Desilludidos de todo, ou remontando a novos idéaes, vão emmudecendo Tobias de Menezes, Bernardo Guimarães, Victoriano Palhares, Gomes de Souza. Si alguns — Machado de Assis, Guimarães Junior, Cardoso de Menezes, Franklin Doria, Mello Moraes Filho, Santa Helena Magno, Juvenal Galeno, Julio Cesar ainda trovam, as suas trovas são mais a expressão das melancólias da tarde que a alegre e fresca toada das aves do bosque ao despontar do dia .

Varios poetas, formando uma constellação, porque, além das melodias nos labios, trazem nas faces as cores brilhantes da mocidade, vão surgindo, mensageiros de aurora nova, que promette claridades de dia oriental. Destacam-se, entre outros, Theophilo Dias, Valentim Magalhães, Assis Brazil, Raymundo Corrêa, Damasceno Vieira, Eduardo de Carvalho.

Ora, cada um delles, ou pertença á geração que já vae descendo a montanha da vida, depois de haver encarado o sol em todo o esplendor ; ou pertença á que se aproxima do viso, e ainda tem algumas illusões com muitos clarões roseos ; ou pertença á que da raiz da montanha ou do ameno valle alcança com as vistas alevantadas as luzes aereas atravez de um véu de brancura lactea, urdido pela mão magica da

esperança, entretecido de flores, matizado de paisagens feiti-ceiras — arroubo das suas paixões generosas — cada um tem a sua feição particular, a sua tristeza ou a sua alegria, a sua veia anacreontica, elegiaca ou epigrammatica, o seu fervor, o seu brando sentir, ou o seu entusiasmo; cada um, como o Anteu recebia forças da mãe-terra, recebe da patria, da mulher, do povo, ou da natureza o oxigenio que lhe avigora as inspirações. Mas nenhum destes estimados cultores das musas — seja-me permittido dizê-lo sem a menor sombra de offensa ou menospreço a tão respeitavel congresso de talentos, entre os quaes conto muitos de quem sou sincero amigo e admirador — nenhum destes possui a veia lyrica tão potente e mobil como a possuia Varella, excepto Teixeira de Mello (1) e Tobias de Menezes que, quando quer ser lyrico e idéalista, disputa as primazias ao que fôr mais rico destes divinos favores.

Tres annos depois de virem á luz aquellas palavras, as letras brasileiras trajavam luto. Varella terminara os dias antes de ter legado á patria todos os fructos da idade viril, que haviam de valer mais, a julgar pelo *Evangelho nas selvas*, que as flores da mocidade, não obstante serem muito odoríferas e louças.

O mais avultado dos seus fructos, talvez o unico que o verme do esquecimento não ha de corroer de todo, o *Evangelho nas selvas*, confirma-me no conceito a que alludi.

No ultimo triennio o poeta de *Mimosa* aproximara-se muito mais do que d'antes do poeta dos *Tymbiras*. Olhando

(1) No seu livro *Sombras e Sonhos*.

para trás, não vira, entre tantas joias esparzidas imprevidentemente pelo seu desgovernado engenho, nenhuma que lhe afiançasse sobreviver-lhe por muito tempo. Foi quando a idéa de deixar o nome em algum monumento perduravel occorreu a Varella, que até então se deliciara em phantasias e sonhos fugaces, como os sorrisos ou as lagrimas infantis.

Concentrou-se, e produziu um poema de genero lyrico e narrativo, unico que se harmonizava com o assumpto que escolhera — a vida de Jesus ensinada no deserto por um missionario, que passa por ter sido um poço de piedade e virtudes, José de Anchieta.

Que nume deverá presidir ao nascimento do filho da sua imaginação? Bazilio da Gama, Durão, Gonzaga ou Magalhães? Nenhum destes. Nenhum destes é seu irmão no lyrismo pantheista, primeiro meio de manifestar a admiração pela alma da natureza americana, essa alma que se revela mysteriosamente nas florestas verdes e nas montanhas azues.

Magalhães inclina-se ao genero épico; a narração de Santa Rita Durão tem muito da rijeza que lhe deixaram os moldes classicos; Bazilio da Gama propende para a poesia patriotica e guerreira; Gonzaga, cantor namorado, trovador da idade media, traz postos os olhos em um polo invariavel e fixo, o amor da mulher. O horizonte da inspiração de Varella, mais vasto e mais flexivel, tem de adaptar-se ao amor da humanidade. O seu heróe estaria deslocado em uma epopéa, posto não haja drama tão solemne como aquelle que do sacrificio de Jesus tomou os traços e as cores que o immortalizaram.

Este drama, para ser fielmente interpretado, ha de ser cantado em verso dolente, mavioso, singelo, porque na vida do

protagonista, cuja alma era lyrica (1), e na dos personagens que á roda delle se moviam como as mariposas revoam em torno de uma luz branda, e não das chammadas das fogueiras, o primeiro logar pertence ás paixões resignadas ou innocentes, áquellas que, segundo V. Hugo, existem em *Atala* « cobertas por longos véus candidos » A epopéa do Evangelho — e não direi a do christianismo, porque o christianismo não está isento de sangue — a epopéa do Evangelho só um poeta lyrico-sentimental a poderia realizar Firme nesta convicção, Varella volta-se para aquelle dos nossos poetas que, ainda quando descreve combates e canta feitos de guerra, tem os tons sentidos da lyrica meridional :

« Grande Gonçalves Dias ! Desses paramos
Onde viver sonhava, e reina agora
Tua alma gloriosa, envia, oh ! mestre,
Envia-me o segredo da harmonia
Que levaste comigo. Assim, apenas,
Meu santo empenho vencerei contente » (2)

G. Dias de ha muito merecia o culto da admiração de Varella.

Dil-o o *Soláo* mavioso, que se lê no primeiro dos livros do joven poeta fallecido :

Como podera um propheta
Soffrer tantas agonias !
Busco a tumba de um poeta,
Do grande Gonçalves Dias.

(1) E. Renan, na *Vida de Jesus*; edic. de 1876, pag. 39.

(2) *Evangelho nas selvas*, canto I, c. X.

Pergunta aos mares profundos,
 Pergunta ao destino, ao fado,
 Ao Deus creador dos mundos
 Por esse bardo inspirado !

.....

Enfermo, exausto, cansado,
 Sofrendo um pezar insano,
 De seu paiz exilado
 Teve outra patria — o oceano.

.....

Folga ! espiritos te falam,
 Mestre da terra onde choro !
 Teu corpo ondinas embalam...
 Lendo teus cantos te adoro. » (1)

Mas elle o relê agora mais do que nunca. Versando assiduamente as producções do poeta caxiense, o fim de Varella é saturar-se das suas harmonias, é aprender a cadencia que conhece por intuição, mas incorrecta e barbaramente, é pedir lições ao mestre para a obra cuja magnitude levará o seu nome aos posteros. O *Evangelho nas selvas*, no qual a inspiração de Varella apparece augmentada em bellezas, e diminuida em defeitos, dá a medida do horizonte por onde elle discorria as vistas nos ultimos tempos da desperdiçada vida. Cansado do lyrismo desordenado de que revestia assumptos de pequeno tomo, e que elle dissipava com a prodigalidade inconsciente dos primeiros annos em impressões ephemerias a que dava aliás fórmias admiraveis, como

(1) *Nocturnas*.

na poesia intitulada *Nevoas* (1), trata de elevar-se a regiões mais verdadeiras, em busca de idéaes que representem antes um patrimonio da sociedade, uma conquista dos tempos, uma aspiração ou um culto da humanidade, do que uma concepção arbitraria, uma belleza fugaz do seu aereo pensament ar. Deixa a poesia vã e leve pela poesia severa e ponderada, a canção pelo poema ou ensaio de poema. Chegara para elle o momento commum a todos os grandes engenhos que tem consciencia do que valem — o momento de pensar na aquisição da immortalidade, esse momento solemne e supremo que leva Homero, Virgilio e Camões a volver-se para a patria, Dante, Milton e Klopstock para a fé, objectos que em si mesmos trazem um cunho de permanencia, que é o primeiro estimulo para quem busca eternizar o nome.

Alguns artistas chegam á immortalidade sem terem pensado nella. B. de Saint-Pierre tão longe estava de conhecer o merito do seu livro admiravel *Pauto e Virginia*, que resolveu entregar o manuscripto ás chammas depois da leitura feita a Buffon e outros litteratos que, como elle, não descobriram ahi a impressão de um desses beijos com que acaricia a fronte dos seus privilegiados a *mens divina*; e somente o enthusiasmo que posterior leitura produziu no pintor Vernet o fez mudar de resolução. Outros ha que elegem o assumpto, planejam a realizção, architectam a fórma, não perdendo nunca de vista o polo magnetico do renome. Varella pertence ao numero destes. Natureza expansiva, elle não póde reter no es-

(1) *Nocturnas*.

pirito o conceito que faz da sua propria obra, e é o primeiro que proclama a immortalidade delia :

« Oh ! não ! não morrereis, meus pobres cantos !
 Não passarás nas trevas, deslembrada
 Musa christã, que peregrina foste
 Pedir inspiração ao frio solo
 Do sombrio jardim das Oliveiras,
 E do suor de sangue te molhaste !
 Que subiste constricta, de joelhos,
 Beijando as pedras, inundando a terra
 De lagrimas de amor e de piedade,
 A terrivel montanha do Calvario !
 Que entre os negrumes de sinistra noite,
 Rotas as vestes, os cabellos negros
 Soltos aos frios ventos do infinito,
 Junto ás santas mulheres pranteaste
 Sobre a lousa do Deus suppliciado !
 Que o viste erguer-se vencedor da morte,
 Buscar o mundo, consolar os tristes,
 Prometter-lhes voltar no fim das éras,
 E remontar aos céus em nuvens d'ouro !
 Hão de te honrar os homens e as idades,
 Sinão por ti, por Esse, cujo nome
 Santifica teus cantos maviosos !
 Passarás ao porvir, ó casta Musa ! » (1)

Estudemos porém o poeta na ordem chronologica das suas obras. Demais, o *Evangelho nas selvas*, pela importancia e pelos meritos, exige um exame especial que sairá a lume opportunamente.

Um dos traços caracteristicos da poesia de Varella é a imitação ao lado de muita originalidade. Quando em suas

(1) *Evangelho nas selvas*, canto I, c. XII.

produções se nos deparam idéas, planos e versos pertencentes a outros poetas seus irmãos no genero e no gosto, uma observação nos occorre : « Por que razão um poeta tão gracioso e tão fecundo se mostra tão pouco escrupuloso ? Quem tem em si mesmo tantos thesouros de preço, porque se ha de adornar com joias de outrem, que lhe não vem augmentar o valor e brilho natural? »

Ha todavia uma explicação para isto. Por via de regra os artistas que se inspiram na natureza adquirem o habito de imitar, que insensivelmente os domina sem que nisso entre a vontade. Semelhantes artistas tem por principal attractivo observar e reproduzir as scenas ou os espectaculos que os commovem: são pintores. A sua alma é um espelho magico onde se reflectem os esplendores ou as sombras do mundo, com todos os accidentes, contornos e ondulações. O mesmo phenomeno dá-se com o que os impressiona pela leitura ou pelo estudo. As idéas sympathicas ficam-lhes impressas na tela da intelligencia, donde saem modificadas pela potencia do genio. Não raro o lavor intimo, a acção individual e subjectiva é impotente para transformar inteiramente a criação estranha ou peregrina. Então apparece na reproducção della mais de um traço da primitiva originalidade, que facilmente se distingue da segunda. A nova criação denuncia a cópia, ou ao menos a fonte donde proveiu, não obstante a direcção ou o intuito differente que lhe deu o genio do reproductor. E' o que explica o contraste que se nota em quasi todos os livros de Varella.

Mauro o escravo, poemeto com que se abre o livro *Vozes da America*, é evidentemente vasado nos moldes do

Y—juca—pyrama. Começa quasi pelas mesmas palavras. O diapasão é o mesmo.

Na sala espaçosa, cercado de escravos,
Nascidos nas selvas, robustos e bravos,
Mas presos agora de infindo terror,
Lotario pensava, Lotario o potente,
Lotario o opulento, soberbo e valente,
De um povo de humildes tyranno e senhor. »

Ha aqui, posto que remoto, um reflexo da primeira es trophe do *Y—juca—pyrama* (1):

« No meio das tabas de amenos verdores,
Cercados de troncos, cobertos de flores,
Alteiam-se os tectos de altiva nação;
São muitos seus filhos, nos animos fortes,
Temiveis na guerra, que em densas cohortes
Assombram das matas a immensa estensão,

O escravo que se insurge contra o fazendeiro parece-se com o indio que revoluciona a taba. O canto da irmã de Mauro traz á reminiscencia o canto de morte que entoia o prisioneiro condemnado ao sacrificio. A acção de um diverge da acção do outro poema; a estrutura porém é quasi uma só.

Não ficam ahi os emprestimos que bem podiam ser dispensados. O Sr. F. Quirino dos Santos, que prefaciou a edição das *Vozes da America* de 1864, referindo-se á poesia *Infancia e velhice*, escreve estas linhas:

Estou lembrado que o autor me disse uma vez que esta e mais algumas peças do seu livro eram imitações.

(1) *Poemas de A. Gonçalves Dias*, tomo II, edig. de 1876, pag. 14.

O proprio Varella declara que as poesias *Aurora*, *Echos do carcere e Exilado*, « foram inspiradas pela leitura das bellas paginas biblicas de Lamartine; que *Child-Harold* foi imitado do canto a *Ignez*, no poema do mesmo nome de Byrón. »

Outros exemplos de imitação :

« Porque te afogas, ó irmã dos anjos,
Nas ondas negras de um viver impuro,
E as santas fórmãs do cinzel de Deus
Manchas do vicio no recinto escuro ? »

Esta estancia faz acudir á lembrança a primeira da poesia — *Frei Bastos* — de Junqueira Freire (1) :

« Porque te afogas, Bossuet brazileo,
No immundo pégo da lascivia impura,
Porque teus louros triumphaes nodoas
Nas roxas fezes de azedado vinho ? »

Na poesia, que se intitula — *Recitativo* — escreveu Varella :

« Si eu te dissesse, Magdalena pallida,
Fundo mysterio que meu peito occulta,
Si eu te dissesse que amargura estolida
Em mar de prantos meu viver sepulta ;
Si eu te contasse que tristezas funebres
Meu seio rasgam por febrentas horas,
Que chammas vivas, que delirios lugubres
Cercam-me o leito de infantis auroras ;

.....
Dize, impiedosa, que vigor satânico
Fez de minh'alma o pedestal da tua ;
E a teus olhares me encadeia fatuo
Bem como o lago reflectindo a lua ? »

(1) *Inspirações do claustro*, edição de 1855, pag. 408.

Estes versos, que tem o cunho da originalidade e graça do poeta, revelam entretanto a leitura dos da poesia — *Amor e medo* — de Casimiro de Abreu (1), que ha bem poucos annos eram recitados nos primeiros salões do Imperio :

« Ai ! si eu te visse, Magdalena pura,
Sobre o velludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volupia doce,
Os braços frouxos, palpitante o seiol

Ai ! si eu te visse em languidez sublime
Na face as rosas virginaes do pejo ;
Tremula a fala a protestar baixinho...
Vermelha à boca soluçando um beijo !...

Diz: que seria da pureza d'anjo,
Das vestes alvas, do candor das azas ?
— Tu te queimaras, a pisar descalça
— Criança louca — sobre um chão de brasas !

Dessa imitação dos poetas que naquelle tempo gozavam de mais fama nos circulos litterarios Varella passou a uma originalidade mais caracterizada. A imaginação embebe-se-lhe mais fortemente na natureza. Dahi toma os mais graciosos paineis, o colorido das suas alvoradas. A sua individualidade affirma-se com todos os tons do seu estro impregnado nos primores da criação. O poeta tem plena consciencia do que vale, e entra sem receio no mundo das visões fagueiras que reproduz com o donaire, a frescura e a animação subjectiva.

Não pede mais inspirações a Byron, ou a Zorrilla, ou a Lamartine, ou a Casimiro de Abreu ; pede-as aos luars

(1) Nas *Primaveras*, edição de 1859, pag. 153.

intertropicaes, ás flores das varzeas nativas, ás paisagens e louçanias da sua terra. Ellé lê os poetas não tanto para os imitar, como principalmente para os conhecer. Canta o indio, a montanha, a floresta, o sertão, a roça, emfim a vida brasileira.

Por esse tempo uma questão internacional veiu estremer as relações do Brazil com a Gran-Bretanha. O nosso patriotismo levantou-se em todo o Imperio, sem distincção de partidos, para condemnar a arrogancia do ministro inglez Christie. Foi uma das mais geraes e unisonas manifestações que no Brazil ainda se viram. Varella não ficou atrás do paiz, antes se mostrou na vanguarda, pela imprensa, contribuindo com o obolo da sua musa para a magnitude da represalia. O *Pavilhão auri-verde* não teve outra origem.

Força é porém reconhecer que nos cantos que compõem este manifesto de guerra a musa fluminense se revela inferior á grandeza do assumpto, e deixa fóra de duvida que a poesia explosiva e patriotica não encontra no seio della o conchego e o calor tão propicios ás lyras e outras canções. As cores sanguineas que purpuream os seus poemas amorosos em suavissima languidez apparecem pallidas e vagas; as harmonias que as paixões campestres, os dramas bucolicos, os costumes roceiros exaltam e requintam não tem ahi a vibração marcial que a natureza do objecto devia, não exigir, mas impor. Tudo isto vem provar que Varella não tinha a inspiração guerreira, mas sim pacifica. O poeta que louvou garbosamente o astro das batalhas (1) no

(1) Vid. a poesia *Napoleão*.

ocaso da gloria, quando as fontes do canto não podiam ser outras sinão a tristeza, a resignação e a saudade, não o louvaria jamais com igual successo, no momento mais solemne da sua vastissima parabola, quando se arriscava a sua sorte e a de mais de uma nação em um só campo de batalha, em Waterloo, donde tomou assumpto a musa do Sr. Magalhães, muito mais energica e bellicosa, para remontar-se altiloqua, embora pouco original, ás espheras da epopéa. (1)

São do *Pavilhão auri-verde* estes versos a *D. Pedro II*:

Oh ! não consintas que teu povo siga
Louco — sem rumo, deshonroso trilho !
Si és grande — ingente, si dominas tudo,
Tambem das terras do Brazil és filho.

Abre-lhe os olhos, o caminho ensina,
Aonde a gloria em seu altar sorri ;
Dize que vive, e viverá tranquillo,
Dize que morra, e morrerá por ti.»

Si eu para muitos já não passasse por dominado de intolerante espirito de provincialismo ; si a alguns não parecesse que só acho belleza e merecimento, elevação e grandeza nas coisas do norte, contra o que aliás protesta o presente estudo sobre um poeta do sul, diria, não por me comprazer em confrontos que podem ferir melindres, mas por obedecer, pura e simplesmente, ao meu dever de critico, diria que, quando Varella dava de si copia tão pouco lisongeira, o officio da poesia heroica andava em grande altura em uma das provincias do norte, em Pernambuco. Com o mesmo

(1) Vid. *Suspiros poeticos e saudades*, ediç. de 1836, pag. 263.

titulo — *A D. Pedro II* — e sobre o mesmo assumpto — a questão anglo-brazileira — um poeta também joven, Victoriano Palhares, publicava estrophes de patriotismo rutilante, entre as quaes se encontram as seguintes :

«..... Quando a Inglaterra
 Vier junto a teu solio bradar — Guerra ! —
 — Guerra ! — teu povo bradará também.
 E então, Senhor, verás como é bonito
 Inteiro um povo levantar-se a um grito,
 Inteiro um povo sem faltar ninguém.

Ninguém ! Que o mais temivel estrangeiro
 Não ha de vir no solo brazileiro
 Uma afronta cuspir-lhe ao pavilhão ;
 O filho do Brazil não mente á herança
 Recebida de heróes : nutre a esperança
 De vencer sempre ou de morrer Catão.

..... ..

Chegou-te a vez, oh ! ave de rapina !
 Estende a garra : em vil carnificina
 Não has de a fome saciar aqui :
 Desdobra as azas, atravessa as zonas,
 O caboclo, do Prata ao Amazonas,
 Enteza o arco, sofrego por ti » (1)

Pouco tardou que se offerecesse nova occasião, mais solemne que a primeira, para de todo ficar assentado que o estro de Varella não se acendia na chamma do patriotismo heroico ; foi a guerra do Paraguay. A luta chegou a travar-se e encarniçar-se. O Brazil derramou copioso sangue. Alguns

(1) *Mocidade e tristeza*, 1866 ; pag. 102.

momentos sombrios baixaram, como aves agoureiras, sobre o gigante da America do Sul, fóra dos seus dominios ; e dentro delles houve por vezes periodos, sinão de desanimo, de canção. O luto e as lagrimas mostraram-se de mistura no lar da familia. Pois bem. Quando o triste drama da viuvez e da orphandade velava de crepe a face da patria, a graciosa musa de Varella, conhecendo talvez que a não fadára a natureza para cantar, como Mickiewicz, as grandes desgraças publicas, e incitar a nação a novos e repetidos sacrificios e heroismos, emmudecia, ou si cantava era outra a alma dos seus cantos.

A musa do norte porém vibrava aos alvoroços guerreiros. Palhares formava, dia a dia, a cada noticia de um feito glorioso, os hymnos que pela segunda vez viram a luz, colligidos em um livro (1), onde se encontram exaltações formosissimas ; e Tobias de Menezes, á frente da mocidade academica, nas ruas do Recife, produzindo verdadeiro delirio, levantava o entusiasmo popular, com o seu verbo ao mesmo tempo epico e lyrico, ao mesmo tempo mimoso e coruscante, de que pode dar idea, ainda que vaga, a decima seguinte :

« Juntemos as almas gratas
De collegas e de irmãos ;
O vento que acorda as matas
Nos toma os livros das mãos.
A vida é uma leitura ;
E quando a espada fulgura,
Quando se sente bater
No peito heroica pancada,
Deixa-se a folha dobrada
Emquanto se vae morrer.» (2)

(1) *Centelhas*, 1870.

(2) O Sr. Tobias ainda não colligiu em livro os seus valiosos versos. Reproduzo estes de memoria.

No mais aceso da luta com o Paraguay, quando, para assim dizer, era todo o Brazil heroico, appareceram os *Cantos e phantasias* (1), o mais lyrico dos livros de Varella. Nenhuma palavra ao menos indica, ainda que por alto, nesse livro as mesmas inquietações e incertezas que traziam suspensa entre a vida e a morte, entre a idéa da victoria e a de uma paz desairosa, a commovida patria. Vendo desfilar batalhões, ouvindo soar instrumentos marciaes, assistindo á partida de bravos que tinham por mais certo o somno eterno em chão ingrato e inhospito que a volta ao ninho seu paterno, o poeta pudera, em completa abstracção, proseguir a pratica com os autores predilectos e, estranho á lida em que se absorvia a nação, gerar cantos onde resoa a vibração cadente da sua alma apaixonada. Não faço aqui este reparo com o intento de censurar a indiferença fecunda a que devem as letras joias de tão alto valor. O meu fim é tornar bem claro o character, quasi exclusivamente lyrico, do genio de Varella.

O que ha nos *Cantos e phantasias* é frescura balsamica, sentimentalidade meiga, vivacidade sonora e melancolica. Serão reminiscencias de Byron, Goethe, V. Hugo e Heine « seus mais estimados modelos », segundo diz o amigo que lhe prefaciou o livro, o Sr. Dr. Ferreira de Menezes? Será ainda refracção dos esplendores occidentaes de Soares de Passos e Musset, « cujas vozes elle casa ás suas na mais doce das harmonias? » Será influencia nervosa de escriptores hespanhoes, de cuja poesia « se encontra muito

(1) Edição de Paris.— S. Paulo — 1865.

vestigio em mais de uma pagina dos *Cantos e phantasias* ? Será o echo subterraneo, de além-tumulo, de Chateaubriand, Beranger, Vigny e Delavigne, que o Sr Dr. Ferreira de Menezes diz « lhe foram tambem inspiração fecunda ? »

Seja o que fôr, ou obra dos mestres, ou manifestações naturaes do talento com que a natureza o privilegiara, em caminho para o amadurecer, o certo é que ahí o sentimento excede a medida commum, a harmonia passa da craveira por onde afinam muitas e illustres lyras ; e, em todo o caso, si ha nessas plangentes melodias echos de outros poetas, as vozes do autor dos *Cantos* soam mais alto que esses echos intrusos, e põem em relevo a sua individualidade sonhadora. Si ha nelles fórmãs estranhas, musculos e nervos que tráem pessoalidades peregrinas, a seiva interior que dá vida a essas fórmãs, o sentimento que agita esses musculos, a alma a que esses nervos obedecem são do poeta brasileiro.

Não conheço em Zorrilla, nem em Mürger, nem em Longfellow, nem em nenhum outro dos poetas mais justamente estimados e celebres, versos mais ternos e maviosos que os dos *Cantos e phantasias* que reproduzo em seguida :

« Lembras-te, Inab, dessas noites
 Cheias de doce harmonia,
 Quando a floresta gemia
 Do vento aos brandos açoites ?
 Quando as estrellas sorriam,
 Quando as campinas tremiam
 Nas dobras de humido véu ?
 E nossas almas unidas
 Estreitavam-se, sentidas,
 Ao langor daquelle céu ?

Lembras-te, Inah ? Bello e mago
Da nevoa por entre o manto
Ouvia-se ao longe o canto
Dos pescadores do lago.

Os regatos soluçavam,
Os pinheiros murmuravam
No viso das cordilheiras,
E a brisa lenta, tardia
O chão relvoso cobria
Das flores de trepadeiras.

Lembras-te, Inah ? Eras bella ;
Ainda no albor da vida,
Tinhas a fronte cingida
De uma innocente capella.

.....

Que é feito agora de tudo ?
De tanta illusão querida ?
A selva não tem mais vida,
O lar é deserto e mudo !

Onde foste, ó pomba errante ?
Bella estrella scintillante
Que apontava-me o porvir ?
Dormes acaso no fundo
Do abysmo tredo e profundo,
Minha perola de Ophir ?

Ah ! Inah ! por toda parte
Que teu espirito esteja,
Minha alma que te deseja
Não cessará de buscar-te !

Irei ás nuvens serenas,
 Vestindo as ligeiras pennas
 Do mais ligeiro condor ;
 Irei ao pégo espumante,
 Como da Asia o possante,
 Soberbo mergulhador.

Irei á patria das fadas
 E dos sylphos errabundos,
 Irei aos antros profundos
 Das moitanhas encantadas.

Si depois de immensas dores
 No seio ardente de amores
 Eu não puder apertar-te,
 Quebrando a dura barreira
 Deste mundo de poeira,
 Talvez, Inah, hei de achar-te. »

O *Cantico do Calvario* é uma das nenas mais elevadas e sentidas que ainda saíram do coração humano. O coração do poeta entrou nessa elegia grandiosa com todos os pallidos esplendores da imaginação e da saudade. A sua alma, diluida ahí em lagrimas que parece terem sido a tinta crystallina onde elle ensopára penna de rama tão loura, como eram os seus cabellos, pranteia inconsolavel a ausencia daquella parte intima — seu filho — que levava comsigo metade das suas illusões, da sua fé e do seu amor á vida. E' uma melodia travada de notas soturnas e de notas limpidas — consorcio delicioso da magoa com o prazer de revelar o pungir della.

Nos *Cantos meridionaes*, que se seguiram aos *Cantos e phantasias*, a individualidade de Varella vem revestida de afirmações mais positivas. Com o mesmo lyrismo encontra-se nelles mais meditação. O tempo, a experiencia, o

estudo apresentam ahi resultados mais directos. O olhar do poeta desce das phantasias douradas, e pousa nas realidades sombrias da terra. O seu talento descriptivo desenvolve-se. As poesias *A cidade* e *A roça* são quadros que se illuminam com todas as tintas da verdade.

Falam nessas paginas o critico e o juiz ao lado do pintor e do poeta. Este revela-se sempre entusiasta no meio da criação; admira-a e canta-a. Mas onde sobresaem, como si fossem relevos, os traços finos do seu temperamento, que muitas vezes cáe na satyra ferina e mordaz, é em *Mimosa*, e em *Antonico e Corá*, poemetos de uns tons realistas, e de um descriptivo psychologico que manifesta quanto elle estudava a sociedade atravez dos flancos que ella mostra feridos pelo vicio ou simplesmente pela fragilidade natural.

E' para mim fóra de duvida que o espirito de Varella amadurecia no meio dos revezes e irregularidades da vida agitada como amadurecem os fructos nas arvores tocadas alternativamente pelos raios do sol e pelas torrentes da procella.

Quasi terminada a ridente es ação dos sonhos, estava habilitado a conhecer o mundo em variados aspectos, e a produzir quadros mais naturaes e verdadeiros. Tudo nos *Cantos do ermo e da cidade*, ultimo dos seus livros publicados em sua vida, accusa um cunho de madureza que bem demonstra quanto era progressivo aquelle espirito para muitos perdido.

As fórmas descriptivas que apparecem confusas, trazendo o sello da imitação, em *Mauro o escravo*; que são incompletas e angulosas em *Gualter o pescador*; que são flacidas e

tumidas por extremo nas *Nevoas* e na *Enchente*; que são vagas ou deliriosas na *Madrugada á beira mar*, na *Varzea* e na *Noite saudosa*; que com muitas linhas harmonicas apresentam algumas linhas contradictorias na *Cidade* e na *Roça*, cores exageradas na *Esperança*, contrastes asperos e imperitinentes em *Mimosa*, arredondam-se, amaciam-se, aperfeiçoam-se nos *Cantos do ermo*. Infelizmente não é este o mais delicioso dos seus livros. As incorrecções da mocidade tem o seu rythmo, como as da natureza a sua graça. A arte, sujeitando a inspiração a uma medida convencional, mutila não raro engraçadas imperfeições, que são para os productos da imaginação o que é a espuma para as enchentes, o que é o suor para a maternidade.

Ha talvez heresia neste conceito que pode ferir os ouvidos de muitos orthodoxos na religião das letras.

Sei bem que Goethe, tratando da fórma, dizia: a *divina fórma*. E'innegavel porém — e bastará o exame para dar-me razão — que absoluto esmero faz o escripto frio ou empertigado. Raro será encontrar em uma producção de fórma irreprehensivel o sentimento virgem e espontaneo, sem o qual a arte fere a vista, mas não attinge a sensibilidade. As incorrecções da poesia do povo não lhe amesquinham nem empobrecem a vivacidade nativa, antes lhe servem de matiz; são o sello da sua concepção larga e franca: entretanto o povo é muito mais incorrecto do que se permite ser a um escriptor culto. Está claro que, pensando assim, não quero erigir a incorrecção grosseira em elemento da esthetica; fôra malicioso, ou obcecado, e, quer n'um quer no outro caso, não fôra justo quem tirasse das minhas palavras esta

conclusão barbara. O que eu quero é que a forma não afogue a essência; é que o exagerado zelo por aquella não absorva de tal modo o artista que não tenha para esta sinão um respeito secundario. A arte será tanto mais perfeita quanto menos sacrificar a natureza.

A poesia intitulada *Estancias* distingue-se por mimos de suave honestidade, que realçam a ternura sonora do poeta.

Qual é o idolo a quem elle queimou tão fragrante incenso? Uma santa, ou uma mulher adoravel? Não entrarei nesta apreciação. O culto não desvale quer se applique á primeira, quer á segunda. O aroma, modesto e incorrupto, é digno de ambas.

As composições de mais alento são *Acusmata*, *Sêde* e *Leviandades de Cinthia*.

Em mais de um lugar do livro descreve-se o espirito da cidade em luta com o da natureza. A aversão á vida social é um sentimento particular dos poetas contemplativos. Varella traz este sentimento aceso a cada momento, protestando vivamente contra o ruido, o egoismo, as paixões, as falsas tintas que particularizam os grandes centros de população.

Todos sabem que a poesia contemplativa tem o primeiro elemento na solidão. Neste ponto Varella segue direcção divergente.

Elle não é um poeta solitario. A sua alma summamente expansiva e amorosa não se compadeceria sem violencia com o mundo limitado á pessoa delle e á natureza circumstante. O seu idéal não está além das nuvens em uma mansão sonhada pelos poetas mysticos; está na terra adornada com as suas multiplas magnificencias—as florestas profundas, os picos

elevados, os rios esclarecidos pelos astros, sem excluir a mulher, sem excluir o homem, sem excluir uma certa sociedade, onde se deparam sentimentos e hábitos que mais se casam com os seus gostos e inclinações. Varella é o cantor das meias malícias e das meias innocencias existentes nessa região pittoresca e animada, que não é a cidade deslumbrante nem a solidão bravia, que é simplesmente o *campo* ou a *roça* ou o *mato*, isto é um theatro modesto de folguedos ingenuos, amores tímidos, graças vergonhosas, mais virtudes que vícios, mais natureza que arte, mais desinteresse que calculo — nessa região que está para a civilização como o arrebol está para o dia, nesse plano onde perfis garridos e imagens toscas se debuxam sob uma luz crepuscular que os não deixa ver em completo relevo.

Si a minha critica não se engana, Varella pode ser aferido pela poesia — *A roça* —, que é uma das que trazem mais fundamente impresso o signal da sua physiologia poetica :

O balanço da rêde, o bom fogo
Sob um tecto de humilde sapé ;
A palestra, os lundús, a viola,
O cigarro, a modinha, o café ;

Um robusto alazão, mais ligeiro
Do que o vento que vem do sertão,
Negras crinas, olhar de tormenta,
Pés que apenas rastejam no chão ;

E depois um sorrir de roceira,
Meigos gestos, requebros de amor,
Seios nús, braços nús, tranças soltas,
Molles falas, idade de flor ;

Beijos dados sem medo ao ar livre,
Risos francos, alegres serões,
Mil brinquedos no campo ao sol posto,
Ao surgir da manhã mil canções:

Eis a vida nas vastas planicies
Ou nos montes da terra da Cruz,
Sobre o solo só flores e glorias,
Sob o céu só magia e só luz »

Estes mesmos sentimentos manifestam-se em *Acusmata*, que aliás me parece reverbero do estro de algum poeta allemão. E' uma producção de suavidade ineffavel. Dir-se-ia bebida em Schiller, prestimoso idéalista que ainda por nenhum foi passado, nem no mimo da fórma, nem na delicadeza do conceito.

As arvores, as flores, o rio, as estrellas, os espaços, as choças em deliciosa conspiração têm vozes para increpar o poeta de os haver̃ menosprezado pelos brilhos especiosos da cidade.

As arvores dizem :

..... Nessa sombra,
Que alongamos do chão, verás o leito
Onde tantos momentos repousaste.
Ah ! eras bello nesse tempo ! A aurora
Tinha-te posto toda a luz nos olhos..
Quando passavas, teu caminho ledo
De frescura e de folhas falfombra vamos.
E tu partiste, ingrato, e tu partiste !
E trocaste o socego do deserto
Pelo fulgor das salas dos palacios !
Pelos fingidos risos da mentira !
Pela voragem negra onde soluças ! »

As flores dizem :

« Poeta, a trepadeira solitaria
 Que se enrosca lasciva ao duro tronco
 Do cedro secular ; a flor guardada,
 Entre os galhos do ipé, nas grossas folhas
 De alpestre parasita ; a molle acacia ;
 O manacá cheiroso que se ostenta
 A' beira d'agua, pensativo e triste ;
 Os festões do ingazeiro e as açucenas,
 Todos te amavam, te adoravam todos.

Ai ! um dia esperamos-te debalde !
 Tinhas partido, ingrato ! Abandonaste
 Nossa belleza candida e modesta
 Por essas sombras doentias, pallidas,
 Que entre o lustre do baile se evaporam !
 Por essas mumias sensuaes que pejam
 As alcovas de sordidas possilgas.

Si tivesses ficado, oh ! cada noite
 Uma de nós se erguera embalsamada
 Para as lendas contar do nosso reino !
 Não o quizeste, doudo, e agora é tarde !»

O rio diz :

« Não mais te vejo, nem te escuto ao menos
 Da loura Grecia as nayades chamando !
 Nem a meus flancos murmurando idyllios,
 Nem sobre as aguas a guiar teu barco !
 Que fizeste, infeliz !.....

Vejamos o que é o *Diario de Lazaro*.

Depois de dez annos de ausencia, o protagonista volta á patria. Sómente o que nunca se achou em condições

identicas não comprehenderá a intensa commoção que o poeta descreve nestes versos

..... Eis-me de novo
 Em teu seio sagrado, ó minha patria !
 Dez annos de saudades, de amarguras,
 Mas tambem de esperanças ! Filha esbelta
 Dos sonhos de Colombo, abre-me os braços !
 Quando brilhante,
 Aos fulgores da aurora, dentre as ondas
 Hontem te vi surgir nos horizontes,
 Minha alma estremeceu de um gozo immenso,
 Meu coração pulsou cheio de orgulho,
 Quente de enthusiasmo, e, transportado,
 Saudei chorando teus erguidos montes,
 Que me viram partir triste e abatido.
 Eis-me de volta. Os prantos, as insomnias
 Descoraram-me o rosto, as duras lidas
 Quebrantaram-me o corpo ; mas o espirito
 Exulta em seu triumpho !

A descripção da bahia do Rio de Janeiro não tem aqui as linhas esculpturaes dos conhecidos versos de Macedo (1)

E' sobria, rapida, complexa, como a impressão do que chega e que revê — de um só lance de vista a um só tempo, e sem a pousar em nenhum objecto mais que os instantes necessarios para o reconhecer — o céu, a terra, o mar, as linhas e as côres, as faces boleadas e os perfis agudos do torrão natal. Macedo prolonga-se. E' o poeta que faz a pintura para que o leitor conheça todo o plano onde se deve desenrolar o novello da acção concebida pela sua imaginação. Varella

(1) Na *Nebulosa*, pag. 2.

põe os versos na boca do próprio protagonista, o qual em si mesmo tem todas as visões, que, depois de adormecidas por muito tempo, despertam subitamente não mais visões porém realidades.

« Terra de Santa Cruz, quanto és formosa,
 Quanto és formosa, altiva Guanabara !
 Como a noiva do rei, o sol do estio
 Tisnou-te as bellas faces, e o sereno
 Molhou-te as tranças negras, e suspiras
 Mollemente inclinada á beira d'agua !
 As estrellas namoram-te do espaço,
 Lambem-te os pés as vagas gemedoras,
 E arredados de ti velam attentos
 Os filhos do diluvio, horrendos monstros,
 Em cujos dorsos, emulos do bronze,
 Do raio a chama ha laborado em balde.»

O protagonista fôra buscar um titulo scientifico em terras estrangeiras. O vello de ouro que lhe deve ser dado como premio da conquista em que consumiu dez annos ralado de saudades é a mão de Lucilia. Apenas chegado, corre, vâa a S. Paulo, ás margens do Tieté. Ahi é que está o reinô encantado onde reside a illusão que lhe foi alento, animo, alma no prolixo exilio. Com esta illusão abraçara-se por algum tempo uma imagem veneravel e santa—a imagem de sua mãe. Um cruel contraste o esperava porém alli. Ao lado de Lucilia havia sombrio vacuo.. A mãe fallecera quando elle estava ausente.

« Como feliz pisára estes logares,
 Si ainda encontrara minha mãe! Coitada f
 Ha dois annos que é morta. Nem os risos,
 Nem os meigos carinhos de Lucilia,

Nem os cuidados de seu pae dissipam
 A nuvem de remorsos que me opprime !
 Fui hontem ver seu derradeiro abrigo.
 Era á tardinha. O vento da montanha
 Gemia tristemente na espessura
 Dos bastos hervações do cemiterio,
 E sobre a cruz humilde que marcava
 Da mais terna das mães o frio leito
 Um sabiá cantava tristemente.
 As rosas melancolicas da campã,
 As aureas sempre-vivas, que sorriam
 Nessa paragem onde apenas nascem
 O cardo, a ortiga, o feto, o estramonio,
 Traiam-me os cuidados de Lucilia.
 Inundados de lagrimas os olhos,
 Ajoelhei-me sobre o chão revoltó,
 E puz-me a soluçar... »

Quando se vê enlaçado áquella que é a concentração
 mystica de todos os seus enlevos, elle reputa-se tão feliz,
 que se entristece. E' tão curta a felicidade, tão breve o
 sorriso, tão pontual a dor, tão assidua a lagrima na vida !
 Eis o que escreve no seu diario :

Meu Deus ! Senhor meu Deus ! eu tenho medo
 Desta dita ineffavel, que derramas
 Sobre minha existencia, em almos dias,
 Em noites sem iguaes ! Sim ! quasi sempre
 No romance da vida a desventura,
 Os desastres cruentos se annunciam
 Por um sublime prologo ! Perdoa-me,
 Perdoa-me, Senhor, si, audaz, bafejo
 Meu halito de duvida na face
 Do liso espelho que teus dons reflecte.»

Seis mezes depois o abutre do infortunio, que lhe roçara o espirito com a aza negra em fórma de vaga sombra entre as placidas claridades da vida deleitosa, pungia-o com as garras aduncas, e das carnes vivas lhe escorria sangue. E' digna de menção, pelos traços realistas, verdadeiros, e tão conhecidos de todos nós, a parte que se refere ao exame dos medicos :

„ Os medicos chegaram. Virgem santa !
 Quanta resignação e paciencia
 Não me foram precisas ! Que de exames,
 De frivolas questões, palavras vagas,
 Irresolutas, timidias respostas,
 Estereis discussões ! E' necessario
 Que eu parta novamente, e só. Mesquinha,
 Triste sciencia ! Quando nada enxerga,
 São seus recursos e remedios certos
 A mudança de clima, o ar, a vida
 No meio das montanhas, tudo quanto
 Sem escolas, sem livros, sem doutores
 A sabia natureza nos ensina..”

Termina aqui a *primeira phase* do poemeto, o preambulo da grande agonia.

Entremos na ultima phase.

Não podendo resignar-se á separação, o enfermo deixa a alegre e pittoresca vivenda para onde o afastaram a sentença dos medicos e as precauções discretas do sogro. Não encontra a mulher, o sogro foge ao seu contacto. Qual a causa deste afastamento? O enfermo procura penetrar o mysterio e encaminha-se um dia ao aposento do pae de Lucilia. Foi cruel a revelação que elle lhe fez. O seu mal era

a morphéa. O poeta põe nos labios do infeliz estas expressões amargas :

« Meu Deus ! eu vi de perto
A fome, a peste, a febre, o desalento ;
Senti soar-me nos ouvidos ebrios
O tinido dos guizos da loucura ;
Vi de perto o delirio, o suicidio,
O atheismo e o nada ; e firme e forte
Encarei-os sorrindo. Mas o effeito
Destas fataes palavras de meu sogro
Não as explica o raio.

Então já era inutil o mysterio. O enfermo estava fóra da saudavel communhão da familia. Todas as suas relações circumscrevem-se ao estreito aposento que se lhe destinou para curtir a desgraça asquerosa. Eis como o poeta pinta a fatal descaridade que acompanha ordinariamente o morphetico :

..... Cada dia
Um escravo depunha-me o alimento
Do meu negro covil á exigua porta
E mudo se afastava. Meus vestidos,
Os trastes de meu uso eram puxados
Com asco e nojo á ponta de uma vara :
Si novos me traziam, necessario
Me era buscar-os pelo chão, de rastos
Como um velho rafeiro. »

Uma noite o acaso pareceu vir em seu auxilio, e offerer-lhe meio de pôr termo ao padecimento descommunal. Elle foi despertado por um corpo de contacto desagradavel. O impertinente hospede era uma cobra. Apenas a

reconhece, pensamento consolador lhe illumina a tristeza immensa do espirito. Celere, precipite, busca alcançal-a com as mãos para que ella corte com o dente venenoso o fio da sua abjecta existencia. Mas a propria cobra fugiu-lhe por entre os dedos inflammados. Então lhe occorre novo pensamento, e este é decisivo — o do suicidio pela violencia. Já ia contundir a cabeça contra as portas, quando uma sombra lhe surge diante dos olhos. Era Lucilia, que teve para elle os mesmos afagos e caricias de ha seis mezes, de ha dez annos. Foi a ultima vez que se viram, foi a sua ultima noite conjugal. O enfermo apartou-se para uma morada lobrega e triste, onde teve o derradeiro sonho, entre reptis nojentos, seus fataes companheiros na desgraça atroz que arrastára na terra.

Apreciemos no seu todo a obra posthuma de Varella.

Um mal physico, servindo de fundamento de um drama angustioso, não é idéa hodierna, mas millenaria. Já no seculo VIII antes da nossa éra excita a musa hebraica a uma producção incomparavel, que merece a admiração de todos os que se dão ao estudo das obras deixadas pelo genio dos Hebreus. Renan considera-a o idéal do poema semitico.

Quero referir-me á historia de Job, a qual dentre todas as das lettras biblicas, depois do Genesis e dos Evangelhos, é a que mais fala á meditação e sympathia do povo.

E todavia, ainda que essa idéa appareça no livro de Job revestida das proporções mais amplas, não deixou fechadas ao engenho do homem todas as portas do reino encantado do imaginar. Esse livro porém está fóra de comparação. Ha ahi elevação que excede a da musa de Schiller,

profundeza que vence a do genio de Shakespeare (1) A maior miseria depois da maxima opulencia, a maior desgraça depois da suprema felicidade, dores intraduziveis succedendo immediatamente a prazeres incomparaveis, emfim a fé e a paciencia perto de descambarem na descrença e no desespero, dão a esse poema originaes contrastes, e o apresentam como o modelo mais perfeito na pintura do soffrimento humano. Não ha noticia de afflicções tão complexas na historia da humanidade. O grande justo soffre como pae, como esposo, como amo, como cidadão, como possuidor de bens, como hospede, como crente. Que mais resta para affligil-o? Nada falta. Além da miseria, o desprezo, a ingratição, a dor moral, tinha elle consigo a dor physica, tinha a lepra desde a planta do pé até o alto da cabeça « Sentado num monturo raspava com um pedaço de telha a podridão. » Tal é o drama que, quando « Roma não existia ainda; quando a Grecia tinha cantos harmoniosos, mas não sabia escrever; quando o Egypto, a Assyria, a India, a China haviam passado por muitas revoluções intellectuaes, politicas e religiosas, um sabio desconhecido, fiel ao espirito dos antigos dias, escreveu para a humanidade nessa disputa sublime onde o soffrimento e as duvidas de todas as idades deviam achar tão eloquente expressão » (2)

Não obstante o genio desse artista privilegiado, a razão está dizendo que da sua tela alguns fios deveram ficar sem

(1) • O tom de Schiller é a el vação, a qualidade de Shakespeare é a profundeza
PHILARÈTE CHABLES, *Estudos sobre a Alemanha*, tomo 2.º, pag. 261.

(2) Renan, LIVRO DE JON, *Estudo*, pag. XXXVII, XLII e XLIII.

a precisa trama. O livro de Job é mais uma colossal polemica philosophica do que a pintura das dores physicas. A fé e a paciencia sustentam ahi luta incessante com a duvida buscando conhecer o incognoscivel. O poema satisfaz primeiro a necessidades do espirito que do coração.

No *Leproso da cidade de Aosta* (1), cuja veracidade tem por si o testemunho de Sainte Beuve, começa a deixar-se entrever o amor que apparece caracterizado na *Alma do Lazaro*, e que se avigora ainda mais no *Diario de Lazaro*. Não só neste, mas em outros pontos Alencar inspirou-se em Xavier de Maistre, e Varella inspirou-se em Alencar.

O *Leproso* tem uma irmã que o ajuda a carregar a pesada cruz da desventura. O *Lazaro*, imaginado por Alencar, tambem tem uma irmã, Luiza, que lhe dá consolações. A irmã do *Leproso* morre ; Luiza não morre, mas se ausenta ; quem tem morrido é a mãe do doente ; e neste ponto o *Diario de Lazaro* imitou a *Alma do Lazaro*.

Uma tarde o *Leproso* sorprende a se deliciarem em pratica e caricias de placida felicidade dois jovens casados de fresco, que faziam uma digressão pelo pequeno jardim que elle cultivava. Tem inveja á sorte dos amantes, e lamenta não ser um delles.

Não ha no livro de Job, com ser tão sublime, uma scena identica, ou ao menos analoga a esta : os intuitos do escriptor biblico são muito diversos. Mas no escripto de Alencar esta scena se reproduz com proporções maiores.

(1) Vid. *Obras completas do conde Xavier de Maistre*, edição de 1876.

A felicidade que o leproso de Xavier de Maistre tinha por impossível, encontrou o do autor do *Guarany*: amou e chegou a ser amado. (1)

Em Varella esta idéa traz fórmulas mais humanas. O morphético não inspira um amor impossível. A mulher não faz mais do que continuar a amar áquelle, para quem se sentira atraída quando o aformoseavam a saúde e a mocidade, quando não apparecia deformado sob o manto de repugnante, infortunio. O amor aqui é mais natural como dever, do que acolá como affecto, embora simples e innocente.

Outras analogias aproximam estas tres producções modernas.

O pensamento de suicidar-se ocorre ao enfermo na narrativa de X. de Maistre ao ver-se privado de um cão, sua única e fiel companhia; na de Alencar é suggerido pelo encontro de um cão hydrophobo, do qual todos corriam horrorizados, menos o enfermo que foi direito ao animal, que aliás lhe teve asco, e fugiu; na de Varella é suggerido pelo contacto de uma cobra que se lhe escorregou por entre os dedos e desapareceu, quando elle tentava retel-a pelo collo.

O leproso de X. de Maistre em certa occasião mostra-se resolutão a pôr fogo na casa a fim de se deixar destruir com ella, resolução que somente não levou a effeito por lhe terem lembrado as palavras da irmã que promettera não o deixar nunca, ainda depois de morta; o de Alencar escapa ás chamas que lhe atearam na casa, atirado para fóra por uma taboia sobre a qual caíra uma parede com grande violencia.

(1) Lêdo *O Ermitão da Glória — A alma do Lazaro.*

A idéa do *Diario*, que é a fórma do poemeto de Varella, encontra-se no romance de Alencar. Aquelle tomou-a deste.

Emfim, ha uma tal identidade de assumpto e traça nestas tres narrativas, que não se póde deixar de ter por muito provavel que Varella se inspirasse em Alencar, e que Alencar se inspirasse em X. de Maistre.

Mas, bebida ou não em alheia fonte, a producção de Varella, sinão pela execução, certo pelos intentos, é superior ás duas precedentes; é superior até á parte, que se lhe pode comparar, da *Delfina do mal*.

O meu juizo não fluctua, não hesita um instante sobre a vastidão da linha traçada pela gentil producção de Thomaz Ribeiro. O seu amplo fito patentea-se nas palavras seguintes:

Tinha escripto o *D. Jayme* para a patria, quiz escrever a *Delfina do mal* para a humanidade.

« Como era ás penas que me dirigia, tomei a resignação por assumpto.

« Pareceu-me que um dos maiores males da humanidade hoje era o desalento, e, como consequencia fatal, a tendencia crescente para o suicidio.

.....

Foi outro dos meus intuitos pôr bem a nu as chagas da miseria, e procurar que a poesia servisse a approximar dellas a caridade » (1)

Mas em minha opinião esse largo designio requeria mais movimento e mais drama. Parece-me estreito o campo onde se devia pelejar tão grande batalha.

A lição é acanhada, e, si commove o leitor, não instrue a humanidade. Os sentimentos que ahi se agitam são escassos

(1) Vid. *DELFINA DO MAL*, carta-prefacio, pag. XIX.

e pouco impressionam. A resignação representada na leprosa manifesta-se antes como uma rara prenda, uma riqueza especial da sua alma, do que uma victoria contra as paixões terrenas, que exprimem a mais natural e a mais farta partilha do homem.

A historia de Delfina, por alcunha *Sagucha*, conta-se em poucas palavras. Tinha ella uma filha, que era o seu amparo na solidão alpestre onde viviam. Veiu um mau homem, um desertor, Antonio, e furtou Maria, deixando Delfina entregue aos seus proprios meios, isto é, á caridade publica. Esta não lhe faltou. Delfina resigna-se. Eis a lição, que se admira mais pelos suavissimos versos em que o inspirado poeta a faz publica, do que pela grandèza da afflicção e diuturnidade da luta. São estes os versos (1):

— « Ai! se ainda me vivesse o meu querido Bento,
seria o meu amparo! o meu bordão seria!
O filho da minh'alma, ouvindo o meu lamento,
viria soccorrer-me! Embora tu, Maria,
cega por amor impuro...
indigno amor!
me deixasses, sem cuidares
dos meus pezares,
da minha dor!
Deixa-se assim quem nos cria
entre beijos e caricias,
que são na terra as primicias
do amor celeste?!...
Olha para ti, Maria!
que me mataste!
que te perdeste!

(1) Vido *Delfina do mal*, pag. 96.

.....
 Foge, Antonio ! longe, ai ! longe !...

Deixarem a morta em vida
 neste sepulchro escondida !
 só !... tão só co'a sua magua !
 sem pensares tu, Maria,
 que tua mãe não podia,
 neste paiz tão alpestre,
 colher um fructo silvestre,
 encher uma bilha de agua !

Querer falar, e assustar-me
 o accento da minha voz !
 Querer andar, e arrastar-me
 como a serpente na brenha !
 Ver a dous passos o mato,
 sem ter um feixe de lenha !...

Ai, Maria !

ninguem no mundo presume
 quanto, em noite humida e fria,
 me dóe chegar-me á lareira,
 sem ter quem me accenda o lume.

Só tu, Deus, Senhor, que habitas
 o teu ceu azul sem termo,
 lanças vistas de bondade
 ás solidões do meu ermo !
 Só tu me guardas do vento,
 me abrigas da tempestade,
 e, por mão da caridade,
 me das conforto e sustento..

Esta paciencia, facil em aceitar com tão fraco protesto e sem afflicção o mal, como aceitaria a noite, ou a mudança das estações, é simplesmente admiravel, mas não é natural nem communicativa.

O autor vae por diante no desenvolvimento da sua these :

— « Delfina, a ingrata Maria
 não volta do errado trilho ! »
 — « Vós me fareis companhia:
 sois meu pae, sêde meu filho. »
 — « Pede a Deus te encurte a vida,
 vivida tão sem ventura !
 já tens a palma floridã ;
 martyr, pede a sepultura ! »
 — « Deus vê-me ; em cada existencia
 a desgraça esmalta a prece.
 paciencia ! paciencia
 é o braço de quem padece. »

Para provar que os pobres se devem auxiliar, e que o suicidio é um mau passo escreve :

« Offerecendo a Deus a sua magua,
 os dois vultos caminham para a Ucha,
 Domingas abraçada co'a Sagucha
 Vinha do rio co'uma hilha d'agua !
 ajuntando-se em mysticos abraços,
 evitando os barrancos e os abrolhos
 prestando, a decepada, a luz dos olhos.
 Domingas, a cegulha, os pés e os braços !
 Milagres divinaes da paciencia !
 ó sublime potencia dos affectos !
 destes dous pobres entes incompletos
 Inteira-se, perfaz-se uma existencia !
 Fugi de mim, designios meus protervos !
 suicidio, és do egoismo, és da descrença !
 Senhor, aqui me tens ! lavra a sentença
 do miseravel servo dos teus servos ! » (1)

(1) *Delfina do mal*, pag. 310 e 317.

São encantadores estes quadros sob o aspecto da arte e da poesia. A philosophia porém aqui não prima por abundante e efficaz.

A sublimidade do poema patriarchal desenha-se entretanto a este respeito com o inimitavel colorido da palheta hebraica.

Job, defendendo, por assim dizer, os seus direitos, debate-se contra os amigos na mais renhida discussão. A sua energia e coragem neste repto heroico assumem proporções tão avultadas que parece tocarem os limites da blasphemia.

Esta lição é verdadeira, e quadra aos soffrimentos reaes.

Quando a dôr é intensa, não pôde occultar-se no manto de uma humildade incomprehensivel, antes se revela nos gemidos, nas vociferações ou nas lagrimas.

A resignação de Job não é silenciosa nem discreta, e a razão é porque o seu padecimento, si não foi real, foi fundido nos moldes da verosmelhança.

Porque não morri eu dentro do ventre de minha mãe ? Porque não pereci tanto que saí delle ? Porque fui recebido entre os joelhos ? Porque me alimentaram com o leite dos peitos ? (1)

Uma só cousa é que digo: Deus afflige assim o innocente como o impio. Si elle fere, mate de uma vez, e não se ria das penas dos innocentes.

Porque me tiraste tu do ventre da minha mãe ? Oxalá que eu tivesse perecido, para que nenhum olho me visse » (2) « Deus me fechou debaixo do poder do injusto, e me entregou nas mãos dos impios. Eu aquelle em outro tempo tão opulento, de repente fui reduzido a pó: tomou-me pelo pescoço, quebrantou-me, e poz-me por alvo dos seus tiros. Cercou-me

(1) *Job*, cap. III. vers. 11 e 12. — Vid. BIBL. SAGR., traducção do padre A. P. do Figueiredo, edição de Londres; 1864.

(2) *Job*, cap. X vers. 18.

com as suas lanças, atravessou-me os rins, não me perdoou, e derramou sobre a terra as minhas entranhas. Despedaçou-me com feridas sobre feridas, lançou-se a mim como um gigante. O meu rosto inchou á força de chorar, e as minhas palpebras se escureceram. Padeci isto sem maldade das minhas mãos, quando eu offerecia a Deus puras rogativas. Terra, não cubras o meu sangue, nem os meus clamores achem logar de se esconderem no teu seio (1)

Eis a verdadeira linguagem do que soffre. Exemplo sublime aos olhos do sabio, e edificativo aos do ignorante. Advertencias grandiosas em que o descrente aprende a recobrar a fé perdida, o crente a fortalecer cada vez mais a sua fé.

Varella não se propõe attingir; ao que parece, nenhum dos alvos que a piedade, a philosophia ou a razão social indicam como balsamo contra as ulceras da humanidade. O seu fim unico é pintar um infortunio, um desespero.

Como na epopéa de Job, os dias nefastos chegam aqui depois de dias de alma delicia.

Na *Delfina do mal*, na *Alma do Lazaro* e no *Leproso* depara-se desde as primeiras paginas a desgraça dos protagonistas. O espirito transporta-se a uma atmospherá pesada que não varia, que é sempre a mesma até o fim. A preocupação da enfermidade e do nojo que ella inspira, preocupação que não deixa nunca os enfermos, traz o leitor suspenso nessa atmospherá inficciónada.

Não se dá o mesmo no *Diario de Lazaro*, e posto que o tom elegiaco domine em toda esta producção, antes de chegar a catastrophe, o leitor atravessa um mundo perfumado e esplendido. O autor soube apparelhar um contraste, crear

(1) Job, cap. XVI vers. 12 a 19.

uma transição, colligir e combinar circumstancias que augmentam o relevo da angustia imprevista. Na reunião dos elementos do drama é que eu vejo o principal merecimento dessa producção.

Imagine-se uma alma de vinte e dois annos, que se alimenta de faguéiras illusões, e se embala em arroubos feitiçeiros. Depois de uma jornada de dez annos essas illusões realizam-se, esses arroubos traduzem-se no amor mais puro e mais feliz.

O peregrino que discorreu por estrangeiras terras volta á patria, e abre-se-lhe aos olhos uma çomo fascinação oriental, um novo jardim das Hesperidas: a mão de Lucilia lhe é concedida. Tudo o que rodeia estes jovens esposos respira prazer e enlevo. Cada um delles tem na alma

..... um mundo inteiro
De perfumes, de canticos, de flores

Mas em pouco tempo, quando a taça da ventura ainda não estava esgotada, quando as paixões cresciam em intensidade, quando ia ainda em meio o festim menos como realidade que como sonho, imprevista e pavorosa tormenta troa na atmospherá, até ahi illuminada e deliciosa, e um drama negro vem substituir-se ao idyllio limpido. Separaram-se violentamente as duas almas que o amor unia. Entre ellas acende-se tormento mortal. Não tornarão mais os dias repletos de harmonias afinadas pela satisfação ineffavel que gera o amor novo e amplo; passaram para sempre. Devia ser crua para dois corações entusiastas, no vigor da

idade, no meio dia da ventura, a noite eterna que lhes veiu na ultima nuvem da aurora, como na aza de dourada abelha vem envenenado pollen.

Varella alcançou a immensidade dessa afflicção, mediu e esboçou todo o negrume dessa agonia indizível. Sob este aspecto o seu trabalho é muito mais meritorio e perfeito que os dos predecessores. A resignação em casos taes é christã, mas o desespero muito mais racional. Concentrar-se mais nas proprias angustias que na paciencia; ter antes os olhos fixos na miseria corporea que o espirito erguido a consolações que não promettem remedio ao mal sinão além da campa — eis o ponto de vista onde se deve collocar o artista aspirante a retratar o soffrimento sem véus anódynos que tem cabida na pintura idéal, mas são improprios dos quadros da vida.

A arte, a religião, certos interesses da humanidade virão tomar satisfação ao artista que molha o pincel em tintas tão carregadas, posto que não sejam falsas? Isto é outra questão. Não entrarei nella.

O que eu vejo no *Diario de Lazaro* é uma historia dos nossos dias, historia tão real que commove o leitor, e lhe suscita melancolicas meditações.

Cumpré porém notar que Varella não deu á sua concepção todo o desenvolvimento que ella comportava e requeria. A acção corre celere, e alguns traços ficam sem as cores e os contornos que deviam fazer delles imagens ou grupos de significação relevante.

Comquanto ahi o poeta abuse dos adjectivos (é este um dos seus maiores defeitos), muitas e vastas idéas esparziu

elle por essas paginas, onde brilha o seu genio travado de tristeza com alguns longes de descrença.

O seu talento descriptivo não descóra, a sua toada musical, si não se apurou mais, é tão cadenciosa neste como nos livros precedentes.

De todos os poemetos que compoz, o *Diario de Lazaro* é innegavelmente o de mais merito, e seria uma das primeiras obras do poeta si elle o tivesse revisto.

Mas, ainda no estado em que o recolheu um talentoso amigo, cultor das nossas lettras, o Sr. Arthur Barreiros, a quem a *Revista Brasileira* deve o ensejo de tornar publica esta valiosa deixa de tão opulento engenho, ainda nesse estado, é o *Diario de Lazaro* uma distincta pagina dos annaes poeticos do Brazil.

Recolhamos tambem, nós os que prezamos os clarões dos astros superiores, tão estimavel irradiação mental.

E' o ultimo réflexo de um sol gentil que desapareceu no poente e não surgirá mais.

FRANKLIN TAVORA.

DIÁRIO DE LAZARO

PHASE PRIMEIRA

Rio de Janeiro, 12 de março.

Predilecta de Deus, augusta imagem
Da terra promettida, asylo e templo
Da eterna liberdade! Eis-me de novo
Em teu seio sagrado, ó minha patria!
Oh! esplendida America!—Dez annos
São decorridos que deixei teus serros,
Dez annos de saudades, de amarguras,
Mas tambem de esperanças! Filha esbelta
Dos zonzos de Colombo, abre-me os braços!
Sim, eis-me aqui, não tímido, curvado
Ao peso da miseria e da insciencia,

Mas forte pela crença, ennobrecido
Por longos dias de trabalho e lutas,
Rico pelo saber ! Quando brilhante,
Aos fulgores d'aurora, d'entre as ondas,
Hontem vi-te surgir nos horizontes,
Minh'alma estremeceu de um goso immenso,
Meu coração pulsou cheio de orgulho,
Quente de enthusiasmo, e transportado
Saudei chorando teus erguidos montes,
Que me viram partir triste e abatido,
Coberto de desprezo e de farrapos ! . .
Lucilia ! Minha mãe ! Prados amenos,
Onde passei da infancia os aureos tempos ;
Em breve vos verei ! Como se apagam
De subito as lembranças da desgraça
Em minha frente, louca de ventura !
Sim, é agora que o porvir e a vida
Começam para mim ; — quero por isso
Meu poema escrever ; — seja esta folha
Sua estrophe primeira . Si algum dia
Outros olhos o lerem, claro exemplo
Nelle verão de amor e de constancia.
Ah ! Lucilia ! Lucilia ! A sorte varia
Fez-te nascer cercada da opulencia,
Dos prestigios do nome, — e eu, desherdado,
Tive por berço o seio da miseria,
Por titulo o infortunio ! Ah ! no entanto,
Astro do céu, nas sombras de minh'alma
Lançaste um meigo olhar, um desses raios,

Que só falam de amor e de esperanças !
Um desses raios, que não mentem nunca
Nas promessas, que trazem ! Ah ! Lucilia !
A barreira fatal está por terra !
Hoje somos iguaes, e serás minha !
Eis-me de volta. Os prantos, as insomnias
Descoraram-me o rosto ; as duras lidas
Quebrantaram-me o corpo ; mas o espirito
Exulta em seu triumpho ! Eis-me de volta,
Eis-me aqui outra vez, apoz dez annos
De maguas, de tristezas, de revezes,
De agonias sem nome ! Eis-me de volta ;
Venho exigir o premio das fadigas,
Das dores, que soffri ! Oh ! como tarda
Esse instante feliz, que ardente aguardo !
Terra de Santa Cruz, quanto és formosa !
Quanto és formosa, altiva Guanabara !
Como a noiva do rei, o sol do estio
Tisnou-te as bellas faces, e o sereno
Molhou-te as tranças negras, e suspiras
Mollemente inclinada à beira d'agua !
As estrellas namoram-te do espaço,
Lambem-te os pés as vagas gemedoras,
E, arredados de ti, velam attentos
Os filhos do diluvio, horrendos monstros,
Em cujos dorsos, emulos do bronze,
Do raio a chamma ha laborado embalde !

Santos, 14 de março.

Desponta a aurora . As ondas buliçosas
Do céu brilhante as cores variadas
Reflectem prazenteiras . Calmo, airoso,
Entre dois renques de verdura, corre
Pelo braço do mar o lenho escuro,
Saudado pelo cantico das aves.
Como gorgeliam ellas ! Encostado
A' humida amurada, escrevo às pressas
Estas rapidas linhas . A meus olhos
Das aguas négras do sombrio porto
A cidade de Santos se levanta,
Como um bando de garças, acampadas
A's margens de um marnel . Salve tres vezes,
Illustre berço dos Andradas ; salve ! . . .
Além, — mais longe, — entre cendaes de nevoa
Ergue-se audaz, tremenda cordilheira,
Sorrindo ao vasto mar . O hymno santo
Da santa liberdade de seus combros,

Parece inda descer nas azas leves
Das virações terraes, e misturar-se
Aos rugidos das vagas espumosas.
Amanhã, amanhã daquellas grimpas
Ver-te-ei a meus pés, mar atrevido,
E como a yassanan que os ermos busca
Na sazão hybernal, lá, dentre as brumas
Dir-te-ei a canção da despedida !

Alto da Serra de Paranapiacaba, 15 de março.

Meu coração dilata-se. Minh'alma
E' toda inspiração, jubilo, enlevo,
Amor e entusiasmo ! Que susurros,
Que bafejos suaves se levantam
Das matas verde-negras ! Dir-se-ia
A frescura das azas auri-brancas
Dos genios, que esvoaçam ! Que prodigios,
Que maravilhas teu dominio abrange,
O' Paranapiacaba ! Audaz muralha,
Erguida pelas mãos do Omnipotente
Contra as furias do mar ! Contempladora
Eterna do Oceano ! Quantas horas,
Na quadra festival da mocidade,
Não consumi sentado em teus rochedos,
Fitos os olhos na planicie immensa,
Que se estende a teus pés ! Que longos dias
Não gastei a seguir as doces voltas
Desses meandros de fundida prata,

Que lá embaixo fulguram! Quantas tardes
Não passei namorando as balsas verdes,
As lagôas serenas, as casinhas
Erguidas no mysterio da espessura,
O grupo das collinas, que fenecem
Na linha azul do mar! Oh! bellos tempos!
Tempos de ingenuidade e de candura,
Passastes como as nuvens d'alvorada,
Que os ventos do sertão varrem do espaço,
Quando o sol apparece! Aos roseos sonhos,
Aos contos de princezas encantadas,
Succederam cruentos desenganos,
Paixões ardentes, ambições funestas! . . .
Como seria a vida aqui ditosa!
Como se escoaria amena e leda
Minha existencia, longe do tumulto,
Mais proxima do céu, nestas alturas,
Junto de um anjo!. Avante! O sol flammeja
Do firmamento em meio. Prosigamos
A romagem feliz. E' necessario
Que meus sonhos de paz se realizem.
Si assim não fora, oh! Deus, o que seria
Tua eterna bondade?! . . . Avante! Avante!

S. Paulo, 16 de março.

Terra da liberdade e da sciencia !
Terra da poesia ! Eu te saúdo,
Bella Piratininga ! Reclinada
Sobre a gramma vivaz dos teus outeiros,
És como a tribu aerea, forasteira,
Das aves do deserto, que entre nevoas
Em meio da romagem pára, e espera
O despontar do sol ! O céu é calmo,
As virações susurram mansamente
Sobre as murtas do campo ;— o fogo, a vida,
O amor universal pulam das varzeas ;
Que entre juncos murmuram, reflectindo
O puro azul do céu ! Rinham ao longe
As duras rodas dos pesados carros,
Que a cidade demandam. Os tropeiros
Deixam os ranchos ; o mendigo canta
Atravessando a estrada ; e lá bem longe
Sobre a immensa planicie, á beira d'agua,

Sentam-se as lavadeiras, acendendo
O fogo da lascivia. Que harmonia !
Que actividade immensa em toda parte!
Basta de devaneios. Meu cavallo
Pasta contente á margem do caminho,
Emquanto aqui, sobre um algar sentado,
Estas linhas escrevo. São bastantes.

Margens do Tieté, 20 de março.

Que de acontecimentos ! Está finda
Esta minha viagem. Ha tres dias
Que aqui cheguei. Meu Deus, como na terra
Promiscuamente as dores e os prazeres
Na existencia do homem se atropellam.
Como feliz pisára estes logares,
Onde tudo a presença me festeja,
Si ainda encontrasse minha mãe ! Coitada !
Ha dois annos que é morta ! . . . Nem os risos,
Nem os meigos carinhos de Lucilia,
Nem os cuidados de seu pae dissipam
A nuvem de remorsos que me opprime !
Pobre, inditosa mãe !. Quem sabe ! victima
De minha ingratição, cerraste os olhos
No meio da tristeza e do abandono ! . . .
Fui hontem vêr seu derradeiro abrigo.
Era á tardinha. O vento da montanha
Gemia tristemente na espessura

Dos bastos hervações do cemiterio,
E sobre a cruz humilde, que marcava
Da mais terna das mães o frio leito,
Um sabiá cantava tristemente.
As rosas melancolicas da campa,
As aureas sempre-vivas, que sorriam
Nessa paragem, onde apenas nascem
O cardo, a ortiga, o fêto e o estramonio,
Traíam-me os cuidados de Lucilia!
Sim, fôra ella que as plantára!.. Triste,
Inundados de lagrimas os olhos,
Ajoelhei-me sobre o chão revoltado,
E puz-me a soluçar! Sombria a noite,
Sobre o globo estendeu seu véu de treva,
E eu chorava ainda!.. Oh! alma humana!
Mescla tremenda de poeira e luzes!
Quem poderá sondar-te o seio vario?!..

Margens do Tieté, 24 de julho.

Eis-nos unidos. Só a morte agora
Póde a teia rasgar dos sonhos nossos.
Meu Deus! Senhor meu Deus! eu tenho medo,
Desta dita ineffavel, que derramas
Sobre minha existencia, em almos dias,
Em noites sem iguaes! Sim, quasi sempre
No romance da vida a desventura,
Os desastres cruentos se annunciam
Por um sublime prologo!. Perdoa-me,
Perdoa-me, Senhor, si, audaz, bafejo
Meu halito de duvida na face
Do liso espelho, que teus dons reflecte!
Perdoa-me! A desgraça murcha e vérga
Da essencia humana as mais singelas flores,
E quando, entre a tormenta, um raio amigo
Do sol consolador vem aquecel-as,
Ellas não têm perfumes, que offertar-lhe!
Perdoa-me, Senhor! Creio em teu nome!

Creio em tua justiça ! Tenho n'alma,
N'alma, que resuscita ao grato sopro
Do amor e da ventura, um mundo inteiro
De perfumes, de canticos, de flores,
Que depôr a teus pés !

Ah ! tu ouviste

Minhas humildes preces, compassivo
Escutaste meus votos mais ardentes !
Duplicaste meu ser, minha existencia
Na posse da mulher, que idolatrava !.
Ah ! faze, grande Deus, que nossas vidas
Corram tranquillias, como agora correm ;
Que bemitos por ti, por ti sagrados,
Nossos dias unidos para sempre,
Sejam em teu louvor um canto eterno !

Margens do Tieté.

Oh! n'inh'alma infeliz! oh! branca pomba
Dos céus lançada aos areiaes da vida!
Que mal fizeste por que tantas penas
Pesassem sobre ti? Tudo soffreste!
Lançaram sobre o cofre de teus sonhos,
Na doce quadra da illusão, das crenças,
Os sete sellos do sagrado mytho!
Da porta nos umbraes de teus desejos
Nefasta mão gravou a lenda horrivel!
Não ha mais esperança aqui chegando!

Força, minh'alma! Tu não trepidaste
Quando do raio as azas inflammadas
Te roçavam raivosas! Não tremeste,
Não te cegou vertigem, quando o inferno,
Prenhe de desespero, horror e morte,
A teus pés bocejou, abrindo as fauces
Torvas, escancaradas! Não fugiste

Quando sentiste o espirito da treva
Sobre a fronte estampar-te o sello em braza,
Que nesta vida te marcou p'ra sempre!
Força, ó alma immortal, divina, eterna!

Das azas proprias tira a penna insigne,
Com que tens de escrever! Molha-a no sangue
Das chagas, que te roem! Coroada
De cypreste e de louro,— escreve e canta,
Sentada sobre a lousa dos sepulchros!

Seis mezes são passados: com seis mezes
Um mundo inteiro aniquilou-se! Um mundo
Todo de luz e de esperanças; — hoje
Um outro mundo para mim desponta,
Mas um mundo de sombras! Escrevamos
A ultima scena da infeliz historia
Daquella vida, que passou; — nas trevas
Entraremos depois — larva sinistra,
Entraremos depois, cantando a Morte,
Nossa ultima noiva, a mais sincera!

30 de outubro.

Sinto-me mal ! Inquietação estranha,
Vaga, indizível, tolda-me os sentidos.
Foge-me o somno. As veias se me incendem
De um fogo ardente. Negro abatimento,
Com seu cortejo de pensares torvos,
Todo o ser me domina. Deus eterno !
Que sentimento desgostoso, amargo,
Afasta-me de tudo o que inda ha pouco
Enchia-me de jubilo a existencia?..
Oh! é de balde que Lucilia busca,
Pobre Lucilia, sempre bôa e meiga,
Distrair-me das furias afflictivas
Deste pezar sem nome, que me opprime !
— Meu Deus ! meu Deus ! que dores me reservas ? ! . . .

6 de novembro.

Minha molestia augmenta-se. Meu corpo
Queima-se todo de um prurido estranho :
Dir-se-ia que as sedas irritantes
Dessas lagartas causticas, roazes,
Cujo arrastar inflamma, roçam quentes
Por meus ardentes musculos. O incauto,
Que, opprimido de somno, se atirasse
Sobre um leito de ortigas, não soffrera
Sensação tão atroz! Meus olhos ardem
Como os do viajor que um dia inteiro
Perlustrou areiaes, do sol aos fogos.
Minh'alma é só tristeza, enojo e tedio!

18 de novembro.

Cumpre partir. Os dias jubilosos
De minh'alma fugiram. Voz sinistra
Murmura-me aos ouvidos tristemente
Que não mais voltarão ! Quando a alvorada
Rebentar amanhã, nos céus immensos,
Nós diremos adeus a estes logares,
Tão felizes, tão bellos, tão brilhantes
De legendas de amor e de venturas !
Então, longe daqui, no vasto livro,
Vasto, profundo, escuro, intraduzivel,
Que espirito se chama, um novo canto,
Tambem profundo e vasto, ha de a saudade
Lacrymosa escrever ! Virgem divina,
Musa a mais bella, que na lyra humana
Seus dedos encostou. Mentem os vates
Quando a Esperança, tua irmã, proclamam
Mais bella do que tu ! Não, não ha genio
Que contigo se hombreie, augusta diva !

Margens do Tielé.

Eis-nos de volta. Os dias da viagem,
A mudança do ar, por algum tempo
Illudiram-me o mal ;—hoje mais forte,
Mais intenso revela-se. Meus membros
Avermelham-se, inflammam-se ; contudo
Parece-me que a chamma devorante,
Que as arterias queimava, se me abranda.
Mas a insomnia, a tristeza, o desalento,
Torturam-me sem pena. Espero agora
Que os homens da sciencia allivio busquem
A tanto soffrimento. Poucos dias
Ha que o pae de Lucilia, triste, afflicto,
Se apressou em chamar dois dos mais sabios.
Pouco devem tardar.—Ah ! tragam elles
O remedio efficaz, que, ha tanto, aguardo !

Margens do Tieté.

Os medicos chegaram. Virgem Santa!
Quanta resignação e paciencia
Não me foram precisas ! Que de exames,
De frivolas questões, palavras vagas,
Irresolutas, timidas respostas,
Estereis discussões ! E' necessario
Que eu parta novamente, e só ! Mesquinha,
Triste sciencia ! Quando nada enxerga,
São seus recursos e remedios certos
A mudança de clima, o ar, a vida
No meio das montanhas, tudo quanto,
Sem escolas, sem livros, sem doutores,
A sabia natureza nos ensina !
E' preciso partir, só, sem Lucilia !
Meu Deus ! meu Deus ! que seculos de angustias
Não tenho eu de passar pensando nella !

PHASE SEGUNDA

Cantareira.

Não ! A resignação passa a fraqueza
Quando, offendidos no que mais amamos,
Soffremos sem protestos e sem queixas !
Dois mezes são passados . Que melhoras
Tenho em minha saude ? Que resposta
Tem o pae de Lucilia ao menos dado
A minhas justas exigencias ? — Digam-o
As noites de martyrio, os ermos dias,
Que passo aqui sosinho ! O isolamento
Mata-me duplamente . Acaso pensam
Que por viver em sitio ameno e bello,
Ao abrigo da fome e da miseria,
Nada a pedir mais tenho ? Duas cartas
Escrevi té agora, e de nenhuma

A mais leve noticia ! Si pergunto
Por Lucilia, — respondem-me que vive
Alegre, satisfeita, sem pesares !
Vou de novo escrever, e a carta d'hoje
Será a derradeira ! Quero vê-la,
Quero tel-a a meu lado ; — ninguem póde
Tão santos laços afrouxar impune !

Cantareira.

Escreveram-me emfim. Não é possível
Fazer o que aconselham. Paciencia,
Paciencia, me dizem. — Ah ! miseria !
Querem mais paciencia ! Não, não posso,
Amanhã mesmo partirei. Coitada !
Pobre, infeliz mulher ! Pobre Lucilia !
Não é por ti que vivo neste exilio,
Que soffro e peno, solitario e longe
De teus meigos carinhos ! Quero vêr-te,
Apertar-te em meus braços, conduzir-te
A essas regiões calmas e bellas,
Onde tanta illusão sonhámos juntos !

Margens do Tieté.

Lucilia aqui não está ! Mentira ! Infamia !
Traição nefanda e atroz ! Onde está ella ?
Ninguem m'ò diz ! Seu pae se esquiva e foge,
Evita de falar-me ! Pelo Christo !
Hei de encontrar a chave desta intriga !
Hei de tudo aclarar ! Oh ! não se pisa
Tão fria e cruamente a lei dos homens,
A lei do coração, a lei do Eterno !

Era de mais ! A colera, o ciume
Ferviam-me no seio. Dirigi-me
Um dia ao quarto de meu sogro ; ainda
Achava-se em seu leito, mas desperto.
— Senhor, lhe disse, aonde está Lucilia ?
Quero vê-la, falar-lhe ! Elle sentou-se,
Fitou-me um triste olhar e lentamente
Respondeu-me : — Impossivel ! — Impossivel !

Bradei.—Sim, impossível ; varre d'alma
 A imagem de Lucilia ; é tudo findo
 Entre vós neste mundo.— Céus ! E' morta !
 Exclamei, recuando.— A Deus prouvera
 Que tivesse morrido ! . . . — Ah ! inda vive !
 Inda vive, e a não vejo ? . O que me afasta
 Assim da minha esposa ? Porque a furtam
 Desta sorte a meus braços ? . . . Novamente
 Lançou-me um fundo olhar, e respondeu-me :
 —E' porque . . . e calou-se. — Por piedade
 Conclui, exclamei.— Tu tens nas veias,
 Elle me disse lentamente, a Morte !
 Oh ! não ! peor que a morte, o mais funesto,
 O mal o mais tremendo, que se estampa
 Das misérias humanas no catalogo !
 A morphéa !.

Meu Deus ! eu vi de perto
 A fome, a peste, a febre, o desalento ;
 Senti soar-me nos ouvidos ebrios
 O tinido dos guizos da loucura ;
 Vi de perto o delirio, o suicidio,
 O atheismo e o nada ; e firme e forte,
 Encarei-os sorrindo ; mas o effeito
 Destas fataes palavras de meu sogro
 Não as explica o raio ! Um mar de angustias
 Caiu sobre minh'alma ; espessa nuvem
 De sangue circumdrou-me os olhos turvos ;
 Senti um turbilhão tonar-me o corpo,
 E depois rolar, rolar como o precito

Fulminado por Deus ! . .

Naquelle instante

Clara e viva intuição tive do inferno !

Testemunha impassivel das idades !
Sello augusto de Deus, ouve meus hymnos
Como á flôr, á torrente, á selva, ao monte ;
Sê-me propicio, aceita-me as plegarias !
Sobre uma rocha negra e luzidia,
Como de aço brunido enorme peça,
Em cujos pannos o passar das éras
Gravára seus vestigios, nos sentámos.
A nossos olhos, turbidas, confusas,
Como esquadrão, que exercito inimigo,
Em passo estreito, á noite aperta e bate,
E no doido pavor une-se torvo,
E rolam despenhando-se no abysmo
Tontos, sem luz, corceis e cavalleiros,
As aguas misturavam-se rugindo
Em negro boqueirão. Profundo estrondo,
Inaudita mistura de bramidos,
Sons de trovão, rumor de ventanias,
Talvez gemidos, canticos, quem sabe,
Erguiam-se da lobrega voragem !
Um véu de espuma e nevoa, entremeiado
De perolas subtis, de aureos rebrilhos,
Maravilhas do iris, se estendia
Sobre o mysterio esplendido das aguas.
Aos lados, broncas, torvas penedias

Erguiam-se silentes ;—em seus dorsos
 Sobre as hasteas subtis das parasitas
 Mil passarinhos ledos gorgeiavam.
 A cem passos abaixo, cem acima
 Desse tremendo convulsar de vagas,
 Elle corria placido e sereno,
 Reflectindo a deveza, o céu, as nuvens,
 O rio magestoso.

Assim deslisa

Aquem e além da campa a eterna vida !

..... ..

Trinta dias passaram-se. Minh'alma,
 Como a lagôa estagnada, impura,
 Si repouso fruia, era o repouso
 Da podridão, da lama ; era o socego
 Do que não póde se agitar, e existe
 Porque o Nada é impossivel, e na Morte
 A propria vida occulta-se sophistica,
 E silente se incubava. Cada dia
 Um escravo depunha-me o alimento
 Do meu negro covil á exigua porta,
 E mudo se afastava. Meus vestidos,
 Os trastes de meu uso eram puxados
 Com asco e nojo á ponta de uma vara :
 Si novos me traziam, necessario
 Me era buscal-os pelo chão, de rastos
 Como um velho rafeiro. Nem um gesto,
 Uma palavra ao menos me diziam
 Os meus austeros guardas — E Lucilia ?

E seu pae? — O silencio dos sepulchros
Era a resposta unica, que eu tinha!

Eu dormitava um dia escuro somno
Pesado, bestial, quando o contacto
De frio e aspero corpo, acompanhado
De uma indizível sensação de nojo,
Acordou-me de subito. Sentei-me,
Levei a mão à perna, onde sentira
O toque repulsivo, e entre os meus dedos
Senti correr a cauda grossa e lisa
De volumosa cobra. Dei um salto,
Tomei um páu. Sereno, voluptuoso,
Mollemente ondeando, o monstro enorme
Atravessava o chão, ledo dobrando
As lustrosas escamas auri-verdes.
Como dois raios pela noite escura,
A memoria surgiu e a intelligencia
Nesta pobre cabeça, onde morava
A morna estupidez. Deixei de novo
O bastão, que tomára, e palpitante
De alegria feroz, arremessei-me
De um salto ao reptil! — Oh! sê bemdito!
Tu que appareces como a vela amiga
Ao naufrago infeliz! bradei, tentando
Retel-o pelo collo, e no entanto
Elle esquivou-se, sacudiu-se rapido,
E, o canto procurando, introduziu-se
Em funda, escura fresta. Ah! tu me foges!

Tu tambem ! murmurei, e um negro plano
Passou-me pelo cerebro :— são rijos,
Fortes estes portaes, disse commigo,
E os ossos de meu craneo — debeis, frageis.
Vejamos. . . e passando as mãos ardentes
Na fronte suarenta, contemplava
Cobiçoso os portaes, quando uma sombra
Entre elles projectou-se. Dei um passo
Ligeiro para trás. Uma figura
A meus olhos mostrou-se: — era Lucilia !
Era Lucilia, e quão mudada estava !
Soltas as tranças, descorado o rosto,
Os bellos olhos humidos de prantos,
Cercados dessas orlas violaceas,
Que as vigílias denotam, me diziam
Quanto havia soffrido ! De joelhos
Arrojei-me a seus pés.— Anjo, perdoa-me !
Murmurei entre lagrimas ardentes.
Ella estendeu-me tristemente os braços,
E disse suspirando: — Eu perdoar-te ?
O que me has feito, dize ? Antes perdôa-me
Tu, que eu abandonei na desventura,
Tu, que eu devêra acompanhar nos transe
Os mais negros da vida ! — Ah ! pobre martyr !
Exclamei,— tambem tu soffres as dores
D'um cruciatio horrendo ! Tambem gemes !
Banhas tambem de sangue a infausta senda,
Onde sorriam tão *gentis* outr'ora
As rosas sem iguaes da mocidade !

Perdoa-me! perdoa-me! — Não sabes,
Ella continuou, que de martyrios
Eu tenho padecido! oh! quantas vezes
Não tentei vir falar-te?! Quantas supplicas
Não empreguei para alcançar ao menos
A graça de te ver?! Agora mesmo...
— Basta! bradei. — Escuta:— neste instante,
Agora que aqui estamos. — Basta! Basta!
Eu sei de tudo! — Bem! meu pae me veda,
Prohibe-me de ver-te e de falar-te,
De te vir procurar! Saí a furto,
Enganei-lhe o cuidado, a vigilancia.
— Não prosigas, lhe eu disse, quando a sorte
Colmou-me de favores e venturas,
Quando a gloria, a saude me cercavam,
Quanta dedicação! Quantos protestos
Da parte de teu pae! Hoje que pesa
Sobre minha cabeça a mão do Eterno
Deixa-me!... parte tu tambem; não quero
Sacrificios forçados! Poucos dias
Me restam de existencia; és moça e bella;
Quando eu tiver morrido, pressuroso
Teu pae procurará quem mais te adore,
Quem mais. Ella atirou-se ao meu pescoço,
Reclinou em meu seio a fronte branca,
E disse soluçando:— Eu não mereço
Que me fales assim, não! Tu bem sabes
Quão fundo é o meu affecto! Volve os olhos
A dez annos passados, a dez annos

De constancia, de amor e de firmeza !
Volve os olhos aos tempos inditosos,
Em que nossa união seria um crime
Aos olhos de meu pae ! Ai ! dize, dize,
Porventura enganei-te ? ! Porventura
Não era eu livre ? não podia ao menos
Teus votos rejeitar ? ! — Estas palavras
Foram como o sereno da alvorada
Sobre um deserto ardente . A luz divina
Illuminou-me o cerebro, uma idéa
Grande, sublime, appareceu-me n'alma,
E eu falei a Lucilia :— Anjo celeste,
O tempo da illusão passou-se; agora
Só temos a verdade fria, nua,
Sem atavios e brilhantes pompas.
Nossa estrella apagou-se; o laço estreito,
Que nesta vida nos prendia, é roto;
Nada mais tenho neste mundo, nada !
Ai ! a não serem as vívidas lembranças,
A dorida saudade desses dias
Tão bellos que pássamos ! Ah ! Lucilia,
Como era lindo o campo e o céu sereno !
Como cada florinha nos sorria !
E nossas almas ebrias de venturas
Como identificavam-se brilhantes
Com tudo o que era bello ! e tudo é fudo !
E esse mundo sublime aniquilou-se
Como a ilha formosa, que o Oceano
No meio da tormenta avido engole !

De tanta maravilha, só tu restas,
Oh! estatua formosa, como a deusa
Erguida no deserto, onde soberbo
Marmoreo templo levantou-se outr'ora!
Meu plano está traçado; um outro mundo
Começa para mim, mundo de sombras,
De poeira e de lodo!. Ai! eu não quero
Arrastar-te commigo!.. Assim falando,
Eu soluçava amargamente... Meiga,
Terna como nos tempos tão chorados
De nossos dias, ella me apertava
No seio palpitante. De repente
Eu senti tremer uma voz rude;
Chamava por seu nome. Adeus, me disse;
Adeus; meu pae me chama! — E n'um momento
De meus olhoss sumiu-se. — Adeus, a aurora
Que amanhã despontar neste recinto
Não mais me encontrará! Adeus p'ra sempre!

Um sopro humido e frio despertou-me
Do profundo torpor em que eu jazia;
Abri os olhos, alonguei-os lentos,
Procurando saber onde me achava.
Grande Deus do Universo! A luz diurna
Entrava a medo pela estreita fresta
De erguida, escura e lobrega janella,
Fundamente cavada em grosso muro
Tapisado de limo;—tão medrosa,
Tão cheia de aversão não entra a virgem,

Vestida de alvas roupas, no recinto
De crapulosa e sordida miseria !
O espirito da luz, timido, incerto,
Sofraldar parecia as vestes candidas,
Receando manchal-as. Grossas vigas,
Roidas de cupim e de carcomas,
Se estendiam no tecto escuro e baixo,
Como o de uma prisão ; a aranha, o grillo,
Os morcegos em bando, as lagartixas
Habitavam em paz, guardando á risca
A regra do respeito á liberdade,
Que o rei da criação posterga sempre.
E nas paredes humidas, cobertas
De avencas e de fetos, porejava
A agua em fontes mil. O chão lodoso,
Cheio de pôças negras, semelhava
O chão de um calabouço, praticado
Nas velhas fortalezas, e onde as vagas
Entram em preia-mar. Um sapo enorme,
Cheio de lama e de amarellas nódoas,
Bem defronte de mim sentado estava
Com seus olhos medonhos, hediondos,
Fitos em meu semblante ; a poucos passos
Um africano velho, e mutilado
Pelo atroz escorbuto, parecia
Dormir profundamente. Era meu socio

Naquelle novo mundo, que habitava!

..... ..

Nada mais sinto ; a dôr tem seus limites

Além dos quaes, talvez, estranho goso,

Satanico prazer o seio inunde.

Cerrei de novo os olhos. Sobre a terra

O proprio soffrimento era-me um sonho.

NOTA

A proposito do retrato de F. Varella, que orna esta edição, graças á obsequiosidade do distincto artista Sr. Augusto Off, escreveu o Sr. Dr. Ferreira de Menezes as seguintes linhas na *Gazeta da Tarde* :

« Caro Sr. Augusto Off. — O retrato que o senhor acaba de lithographar do illustre poeta brasileiro Luiz Nicoláu Fagundes Varella, primeiro em lingua portugueza depois de Camões, na opinião muito auctorizada do Sr. Reinaldo Montóro, é de rara perfeição.

« A physionomia do poeta foi aquella mesma que o senhor conseguiu perpetuar.

« Era aquelle o seu ar. Vê-se alli o clarão da scintella que ardia na poderosa cabeça.

« A boca era aquella : firme, feita para o canto sonóro, afinado, justo. Aquelles olhos, que vêm longe, foram os daquelle meu amigo de infancia ; olhos vagos por

momentos, fixos outros, de uma persistencia incommoda, em uma imagem, talvez a da gloria, com certeza a da desgraça de quem elle foi o filho dilecto.

« O Sr. não o conheceu, mas adivinhou-o, tal é o laço invisivel que une certos talentos, a vibração, apezar do espaço e do tempo, que certos engenhos recebem d'outros que ás vezes não viram, nem conheceram. O senhor, artista de imaginação, phantasia, embora não quizesse, havia de dar á physionomia de Varella aquelle cunho divino, o « sigillo do genio », como elle escreveu n'uma estrophe. O senhor estampou no retrato a dualidade que havia no infeliz pensador : o anjo e o demonio.

« A testa informe, mas vasta, os cabellos revoltos, sempre agitados por quaes terriveis e mysticas ventanias?... alli estão. Seu trabalho, meu caro Sr. Off, é perfeito.

« Applaudo-o. Não ha do poeta retrato tão semelhante e acabado.

« Quasi que o oiço falar. Tenho-o alli, tenho-o no retrato, o meu amigo, o meu companheiro de pobreza e de sonhos, o meu irmão quasi. E além de haver o senhor produzido uma obra de arte, praticou uma bôa e caritativa obra, auxiliando com o seu talento, e tão bello que elle é ! essa publicação dos ultimos versos do poeta que a mocidade vae lançar, feitos pão, roupa e ensino, no lar entristecido da pobre viuva e das misereras orphãs. Estas beijarão um dia os versos do pae e as mãos bemfazejas que hoje as amparam.

« Saúda-o, o seu creado e admirador,

« FERREIRA DE MENEZES. »

LIVRO
KOSMO
ERTH ENGINEERING
& Co. Ltd.
RIO DE JANEIRO
RUA DO VISARÓ, 8
Tel. 23-6319
—
SÃO PAULO
RUA MARCONI, 91
Tel. 4-3855

N.º 181

Livraria
KOSMOS

ERICH EICHNER
& Cia. Ltda.

RIO DE JANEIRO:
RUA DO ROSARIO, 135/7
Tel. 23-6319

SÃO PAULO:
RUA MARCONI, 91/3
Tel. 4-3855

n.º 1817

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).